

OBSOLÊNCIA PLANEJADA VISANDO CONSUMO PROGRAMADO

Caio Alves Toledo de SÁ¹
Raphael GARCIA²

RESUMO: Observa-se que o tempo de vida dos produtos, principalmente os eletrônicos, está diminuindo ao longo dos tempos. Para impulsionar o aumento do faturamento, as empresas estão fabricando produtos com pouca durabilidade e, conseqüentemente, tem estimulado o consumismo desenfreado provocando problemas socioambientais com o acúmulo de lixo eletrônico.

Palavras-chave: Obsolências planejada e perceptiva, globalização, lixo eletrônico e consumismo desenfreado.

1 INTRODUÇÃO

Não é raro de se ver televisores e rádios antigos ainda em funcionamento. Tais eletrônicos foram fabricados com pouca tecnologia, mas com componentes que são duráveis por longos anos. Atualmente, aparelhos que acabam de sair das fábricas já apresentam defeitos ou avarias. Mesmo na aquisição, seja na loja física ou online, existe uma opção chamada “garantia estendida” que pode ser de 12 a 24 meses. Porém, o consumidor deverá pagar um preço adicional para ter este benefício. O fato curioso é que, em média, um produto eletrônico tem um tempo de vida em torno de 3 anos. Isto significa que, de certa forma, existe uma programação ou uma previsão que o bem não será durável, visando o aquecimento da economia e constante fabricação (SIQUEIRA E MORAES, 2009). Em contrapartida, a garantia também servirá para cobrir eventos que não são causados por danos eletrônicos ou defeitos de fabricação e, neste caso, é um direito viável ao consumidor. Embora isto pareça bastante seguro, há algo que chama muito a

¹ Discente do 4º termo do curso de Sistemas de Informação das Faculdades Integradas “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. caio_toledo@unitoledo.br. Bolsista do Projeto E-Lixo.

² Docente do curso de Sistemas de Informação das Faculdades Integradas “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. raphael_garcia@unitoledo.br. Orientador do Trabalho e Coordenador do Projeto E-Lixo.

atenção: porque as garantias não são tão “estendidas”? Será que além deste prazo, a probabilidade de ocorrer defeito é muito maior? Certo que existem diversas respostas para estes questionamentos, mas a mais adequada é que os produtos estão com o tempo útil de vida cada vez menor.

O cineasta Cosima Dannoritzer, em seu documentário intitulado “The Light Bulb Conspiracy” - “A conspiração da lâmpada” (DANNORITZER, 2011), que também é conhecido como “Comprar, tirar, comprar”, mostra que os fabricantes são capazes de calcular a validade dos produtos, cujos dados são voltados para a indústria tecnológica. Os produtores tentam negar que isto seja verdadeiro. Todavia, são constantes as reclamações de determinado produto, cujo ano e modelos de fabricação são os mesmos. Além dos transtornos financeiros para o cidadão, existe também a problemática ambiental que será gerada pelo lixo eletrônico. No Brasil, são poucas as cidades que implementam gestão de resíduos eletrônicos. Mesmo as que realizam trabalho eficiente, não conseguem controlar a população que lança os lixos em locais impróprios (MUCELIN e BELLINI, 2008).

2 DESENVOLVIMENTO

O processo de globalização propiciou diversos avanços para o mundo, possibilitando que empresas expandissem suas vendas para diversos países. A China é um dos maiores fabricantes de produtos eletrônicos do planeta, que vão desde aparelhos miniaturizados à televisores de 60 polegadas. Os apelos nas propagandas, os preços acessíveis e a necessidade incessante de adquirir novos produtos, trouxe impactos importantes na mente dos consumidores. Hoje, uma pessoa não quer ter um produto inferior aos demais, senão entende-se que ela está ultrapassada e que seu poder aquisitivo é inferior. No Japão, os consumidores trocam aparelhos de celular a cada mês. Há muito tempo, sabe-se que produtos que ainda funcionam ficam à disposição nas ruas das cidades japonesas. Os brasileiros são os que mais tomam proveito disto, cujos relatos são muitos fáceis de se constatar. Para tanto, basta perguntar para qualquer brasileiro que esteve no país oriental.

Mas quando este consumismo descontrolado começou? Segundo documentário de Dannoritzer, a queda da Bolsa de Valores de New York, em 1929, deu início a este processo. Na época, houve uma grande depressão, gerando uma grave crise econômica mundial. O mercado consumidor não tinha provisões financeiras para adquirir produtos que, conseqüentemente, ficavam estocados. Os desastres foram enormes: empresas reduziram seus lucros, houve aumento considerável no desemprego, diversos investidores e empresas faliram e muitos até acabaram se suicidando, pois as ações caíram drasticamente da noite para o dia. (PEREIRA, 2006).

2.1 Obsolescência planejada

Na época, os especialistas identificaram que os produtos com longa duração desfavoreciam a economia, pois permitiam que produtos demorassem a apresentar problemas, não sendo possível calcular quando os consumidores necessitariam de novos. Foi então que surgiu o jargão “Um produto que não se desgasta é uma tragédia para os negócios”. Houve um cartel organizado pelas grandes empresas fabricantes de lâmpadas que se organizaram para reduzir o tempo de vida útil de uma lâmpada a fim de proporcionar o aumento das vendas. A primeira lâmpada inventada por Isaac Newton, durava cerca de 1.500 horas. No início do século XX, elas tinham vida útil em torno de 2.500 horas. No entanto, após 1929, o tempo de vida passou para 1.000 horas (DANNORITZER, 2011), ou seja, uma queda de 60%. Levando em consideração o exemplo de uma lâmpada que fica acesa das 18 até as 22 horas, tem-se 4 horas de atividade diária. As 2.500 horas representariam 625 dias de vida útil. Com a redução, a mesma lâmpada passou a funcionar somente até 250 dias. Para alavancar as vendas, a decisão tomada foi de baixar o preço do produto. Na visão do consumidor, aumentaria o poder de compra. Na do industrial, lucro crescente e atividade permanente.

Segundo o diretor do documentário, este foi o primeiro modelo utilizado pelas fábricas, que foi seguido pelos produtos automobilísticos e, após, os eletrônicos. Portanto, a obsolescência planejada está associada a programar o tempo

de vida útil de determinado produto, seja ele qual for, cujo objetivo é estimular novas aquisições pelos consumidores. No entanto, por causa da rápida obsolescência, surge-se um grande problema, que é o acúmulo de resíduos inservíveis, que ficam estocados em lugares impróprios, cujo estudo deste artigo tem o foco nos equipamentos eletrônicos e os lixos gerados por eles.

2.2 Obsolescência perceptiva

Ao contrário da programação feita pela obsolescência programada, a obsolescência perceptiva atua no aspecto psicológico do ser humano. Tudo que é novo e gera curiosidade gera atração e move com o lado sentimental das pessoas. Além do mais, não é mais preciso sair de casa para comprar um novo produto, basta ligar a televisão ou acessar a internet que facilmente seremos atingidos por uma propaganda, seja ela apelativa ou não. Algumas frases tendenciosas mexem com o lado psicológico das pessoas, tais como: “Eu tenho, você não tem”, “Entre para o mundo virtual”, “Faça parte do time dos vencedores”, etc. Com isto, as pessoas buscam sempre algo novo para suprir suas necessidades e desejos, pois foram provocados previamente. O aparelho celular é o produto que mais se associa à obsolescência perceptiva. Segundo o site da BBC (BBC, 2010), os chineses lideram disparado as compras de Smartphones. Já os brasileiros, somando-se aparelhos celulares, DVDs, TVs e notebooks, ficam à frente no ranking.

“Com economias mais estáveis e riqueza crescente entre a classe média desses países, o apetite dos consumidores por tecnologia, especialmente móvel, é insaciável”.

Há, contudo, a questão de competitividade entre as pessoas em querer ter o produto mais inovador no mercado, que não se contentam com produto com modelo inferior. Se uma outra pessoa possuir um aparelho mais atual, o cérebro será estimulado a ter um melhor ou, pelo menos, igual. Em pequenos espasmos de tempo, todas as propagandas que foram nutridas pela pessoa, agora passa a estar

ativada e avivada no lado emocional e psíquico. Por isto, quando algumas pessoas são entrevistadas fazendo compras, elas não sabem responder o porquê, apenas alegam: “faço compra porque me sinto bem”. Porém, na verdade, o consumismo foi desencadeado e estimulado por técnicas de marketing e pela principal vilã: a obsolência perceptiva.

Existem duas formas de se criar um produto programado para morrer: construindo-o com componentes de qualidade inferior ou induzindo o consumidor a substituí-lo por modelo mais novo e mais bonito. A primeira, trata-se de propor uma data para a morte do produto. A segunda, influenciar as pessoas a consumir cada vez mais. Uma exemplificação dessa situação foi o lançamento do iPad 4, da empresa Apple, que foi processada pelo Instituto Brasileiro de Política e Direito da Informática por lançar a versão poucos meses depois de ter colocado em circulação o iPad 3. Os usuários desse produto, diante do lançamento de uma nova versão que praticamente não apresentava diferenças técnicas, viram o seu produto como obsoleto e procuraram comprar a nova versão. Vale lembrar que essa não é uma ação de uma única empresa, mas uma tendência coletiva de mercado.

2.3 Propostas e soluções

Existem algumas medidas que visam contribuir para evitar o consumismo desenfreado. Dentre elas, destacam-se as campanhas de consumo, a logística reversa e o reaproveitamento e/ou reciclagem. Para mobilizar a população a manter produtos usados por longo período, deve-se estabelecer um controle dos novos produtos que ficam à disposição do mercado. Algum setor do Governo deveria ter um sistema de informação que efetuasse o cadastro dos compradores. Desta forma, qualquer empresa poderia consultar quando a pessoa adquiriu tal produto. Cada categoria de produto poderia ter um prazo de utilização. Se acaso o consumidor desejar adquirir novo produto, mas o anterior ainda estiver no prazo de uso, ele não poderá adquirir. Neste caso, se a loja efetuar a venda, deverá ser multada, bem como também o consumidor. Mas este modelo possui falhas, pois os

produtos podem ser adquiridos de forma ilegal, oriundos ou não de outros países, impossibilitando tal controle. Além disso, cada cidadão poderá ter apenas um produto por categoria, proibindo-o de adquirir um novo aparelho celular para sua filho, exemplo.

Muito se fala, atualmente, em logística reversa. Grandes empresas anunciam em seus sites institucionais que seu processo produtivo está encadeado com a logística reserva. Porém, lanço um desafio para testar as empresas na seguinte situação: “entre em contato com o fabricante e alegue que não tem mais interesse em determinado produto e que gostaria de devolvê-lo.” Haverá uma grande surpresa, pois mesmo que é algo da atividade da empresa, não há preparo e interesse neste tipo de negócio. Salvo por algumas empresas idôneas e sérias que realmente fazem isto, mas a grande maioria não. A logística reversa está prevista na Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), Lei nº 12.305/2010. Com a aplicação da PNRS, os fabricantes serão obrigados a recolher seus produtos obsoletos. Este é um recurso importante para amenizar o problema do acúmulo do lixo eletrônico. As empresas poderão praticar o reuso e reciclagem dos componentes retornados ou até mesmo consertar problemas menores e permitir que produtos sejam recolocados ao mercado como “produto reformado”. Isto proporcionará que o mesmo modelo do produto fique por longos períodos e que se tenha fácil reposição de peças, pois os aparelhos que não podem ser recuperados contribuirão com a disposição de peças. Outro aspecto importante é com relação a reserva de minerais e matéria-prima que são extraídos da natureza. As reservas são limitadas e, futuramente, não haverá mais jazida disponível. Com o reaproveitamento, serão usados somente se acaso não houver mais peças para reaproveitar.

A logística reversa também permitirá que produtos sejam doados para pessoas que não ter poder aquisitivo. Através do reaproveitamento de peças, será possível montar outros equipamentos usados, mas que tenham importância para famílias carentes. A participação destas empresas neste tipo de atividade proporcionará o que é conhecido como “inclusão digital”. Milhares de pessoas ainda são conhecidas como “analfabetas digitais”, pois não sabem utilizar um microcomputador ou até mesmo um aparelho celular. Por um lado, estas são as pessoas que não proporcionam a obsolescência, mas por outro, estão desligados do mundo. Se pensar que a tecnologia é um recurso aliado ao ser humano e permite

expandir o aprendizado e conhecimento, as pessoas isoladas digitalmente não progredirão para o futuro.

2.4 Como ganhar dinheiro com o lixo eletrônico

Visto os apelos das empresas e os desejos de consumo cada vez maior das pessoas, que são proporcionados pela obsolescência planejada, é possível obter renda com os resíduos sobressalentes. Em meados de 2008, o Centro de Computação Eletrônica (CCE) da USP fez coletas do lixo eletrônico existente dentro do próprio CCE.

“Todos os participantes desse centro levaram os equipamentos de suas casas e, desse modo, juntaram 5 toneladas de produtos descartados. Quando ofereceram esse lixo para empresas de reciclagem, eles descobriram que a quantia paga por esse montante foi de apenas R\$ 1.200.”

O texto em destaque leva a uma interpretação de que o lixo eletrônico não é viável se forem vendidos de forma mista, pois o preço é bastante baixo. A USP descobriu que se conseguissem separar os componentes de um computador, por exemplo, obteria um lucro maior (UFABC, 2010). Com isto, um computador obsoleto, com seus componentes separados, chega a ter o valor de 24 a 40 reais. Parece que é dinheiro garantido e fácil, mas é necessário ter licenciamento ambiental e mão-de-obra capacitada para descaracterizar os componentes, que são diversos: plásticos, metais, borrachas, processadores, memórias, hard disks, placas de silício, peças eletrônicas, etc. As prefeituras e empresas poderiam montar pontos de descaracterização de resíduos eletrônicos – PDRE - em cada cidade. Com isto, proporcionaria aumento de emprego e destinação correta de lixo eletrônico. A obsolescência que, de certa forma, era um vilão, tornar-se-ia uma grande aliada para a população. As pessoas com maior poder aquisitivo seriam as geradoras de recursos enquanto que, os mais pobres seriam beneficiados com o alto consumismo capitalista.

3 CONCLUSÃO

Não há solução única para desenfrear o consumismo. Algumas ações ajudam a minimizar o excessivo desejo de adquirir cada vez mais novos produtos. Campanhas de consumo desenfreado poderiam conscientizar a população, mas quantas ações de marketing e investimentos seriam necessários? Se tão fosse simples, nenhuma pessoa no Brasil seria fumante, pois não há mais propagandas comerciais e o governo investiu forte em imagens e vídeos que mostram as consequências do tabagismo. É um caminho longo a percorrer! Todavia, cada cidadão poderá fazer sua parte. O Governo poderia estabelecer leis que realmente puniriam pessoas e empresas que extrapolassem o consumismo, ou até mesmo, daria incentivos fiscais para empresas que desacelerassem a obsolescência, mas será que os governantes estão preparados? Não conseguimos nem solucionar problemas menores, como reduzir a maioria penal, quanto menos um problema complexo que se trata de relações internacionais! Cada membro do ciclo de vida de um produto deve fazer um esforço para contribuir com o todo. As empresas e indústrias devem trabalhar em prol do cidadão e do meio ambiente, que tem sofrido consequências irreversíveis por causa do consumo excessivo. Algumas instituições estão trabalhando sério. Cabe citar nossa renomada Faculdade Toledo, que através do Projeto E-Lixo, tem feito seu papel de coleta e destinação correta. Muitas coisas ainda precisam ser feitas, mas o pouco que fez nos últimos anos, permitiu que toneladas de sucatas eletrônicas fossem lançadas indevidamente ao meio ambiente. Sem contar com a contribuição com o Município Verde-Azul (Governo de São Paulo, 2007), que beneficia a cidade que faz o gerenciamento do lixo eletrônico, gerando pontuação que poderá receber, em troca, investimentos financeiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SIQUEIRA M. M.,; MORAES M.S. **Saúde coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo**. Ciência e Saúde Coletiva, 2009.

DANNORITZER, Cosima, **The Light Bulb Conspiracy - Comprar, tirar, comprar**. <<https://www.youtube.com/watch?v=mgzgWHgell4>>, Espanha, 2011. Acessado em setembro/2013.

MUCELIN C.A, BELLINI M. **Lixo e impactos ambientais perceptíveis no ecossistema urbano**. Sociedade e Natureza, 2008.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. **24 de outubro de 1929 – A queda da Bolsa de NY e a Grande Depressão**. Editora IBEP Nacional, 2006.

BBC, **Brasileiros lideram pesquisa de consumo de celulares e TVs HD**. <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/01/110105_eletronicos_relatorio_pu.shtml>, 2010. acessado em setembro/2013.

Presidência da República. Política Nacional de Resíduos Sólidos. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm>, 1998, acessado em setembro/2013.

UFABC – Universidade Federal do ABC. **Como é feita a reciclagem do lixo eletrônico**. <<http://lixoeletronico-ufabc.blogspot.com.br/2010/04/como-e-feita-reciclagem-do-lixo.html>>, 2010. acessado em setembro/2013.

Governo do Estado de São Paulo. Secretaria do Meio Ambiente. Município Verde-Azul. <<http://www.ambiente.sp.gov.br/municipioverdeazul/>>, 2007, acessado em setembro/2013.